ISSN: 2358-8829

LETRAMENTO RACIAL ATRAVESSANDO FROTEIRAS DO CURRÍCULO: PRÁTICAS ANTIRRACISTA NO ESPAÇO ESCOLAR

Paloma Barroso da Silva [1]
Rosinete Silva Macedo[2]

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta as atividades de pesquisa-ação conectadas ao eixo de Letramento Racial Acadêmico, vinculado ao projeto de extensão Afroteca Arandu: Memória, História e Resistência da Universidade Federal do Pará. A iniciativa surge da necessidade de tirar as Leis 10.639/03 e 11.645/08 do papel e colocá-las em prática, combatendo o racismo no cotidiano escolar, especificamente na região do Lago de Tucuruí-PA, um território que demanda reconhecimento de trajetórias negras e indígenas.

Nesta etapa do projeto, objetivou-se descolonizar o espaço acadêmico e fortalecer a representatividade dos estudantes negros e indígenas no Ensino Superior e Médio da região do Lago de Tucuruí, desenvolvendo atividades que valorizassem os saberes ancestrais afros e indígenas, promovendo, assim, um trabalho preventivo à evasão dos supracitados discentes. Haja vista que, historicamente, o conhecimento ocidental foi imposto como único saber válido, marginalizando saberes ancestrais (Quijano, 2005). Diante disso, o projeto visa promover equidade e acolhimento por meio de uma abordagem antirracista e interdisciplinar, resgatando e valorizando culturas afro-indígenas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Metodologicamente, a investigação consolidou-se como uma pesquisa-ação de base freireana (Freire, 1987; Thiollent, 2018). As ações foram desenvolvidas em duas

[1] Graduanda Paloma Barroso da Silva do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, paloma.silva@braganca.ufpa.br
[2] Rosinete Silva Macedo Mestre em Ciências Ambientais da Universidade Federal do Pará - UFPA rosamacedo@ufpa.com.br

ISSN: 2358-8829

escolas de Ensino Médio da rede pública de ensino, localizadas no município de Tucuruí, no estado do Pará (PA), tendo como público-alvo os estudantes das turmas de segundo ano.

As intervenções com os discentes foram estruturadas em encontros divididos em três etapas distintas, mediadas pelo uso de recursos digitais, tais como projeção de slides e a ferramenta de quiz *Kahoot*. Na primeira etapa, realizou-se um diagnóstico inicial a partir de questionamentos sobre a compreensão dos estudantes acerca dos termos "etnia" e "raça". Com base nas respostas, conectou-se o debate à fundamentação teórica, explicando a construção da identidade, o processo de miscigenação no Brasil e a ressignificação histórica de tais termos. Ademais, foram apresentadas as categorias de autodeclaração do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), discutindo seus critérios e orientando os alunos sobre o processo de auto identificação racial.

Na segunda etapa, abordou-se a valorização estética e cultural por meio de exemplos práticos de manifestações afro-indígenas, como o uso de tranças nagôs e os grafismos indígenas dos povos Asuriní do Xingu e de Tucuruí, ressaltando a importância desses elementos na formação da identidade étnico-racial. Por fim, a terceira etapa consistiu em um debate sobre as políticas de ações afirmativas, com ênfase nas cotas raciais como mecanismo de reparação histórica, e sobre a distinção entre a valorização cultural consciente e o consumo baseado na apropriação cultural. Ao longo de toda a dinâmica, os tópicos foram apresentados de forma dialogada, abrindo espaço para os comentários e dúvidas dos estudantes.

No que tange ao trabalho com o corpo docente, realizou-se um encontro formativo mediado pelo uso de recursos audiovisuais (datashow e slides). Inicialmente, apresentou-se o escopo do projeto e as ações direcionadas aos estudantes. Em seguida, debateu-se o objetivo central da intervenção junto aos professores: a incorporação do letramento racial de forma transversal no desenho curricular e nos planos de aula, englobando as áreas de Ciências Humanas, Linguagens, Ciências da Natureza e Matemática. A proposta buscou articular a efetivação contínua das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, visando consolidar uma educação antirracista que proporcione aos discentes maiores repertórios e referências negras e indígenas. Para tanto, estabeleceu-se o diálogo interativo como princípio de procedimento metodológico baseado na perspectiva freiriana, adotando um modelo de trabalho colaborativo, no qual os pesquisadores atuaram em conjunto com os professores,

ISSN: 2358-8829

respeitando suas respectivas áreas de formação, para o planejamento de aulas temáticas integradas.

Desta forma, entre relatos de experiências vivenciadas, confrontos de ideias, e dificuldades enfrentadas pela escola no trabalho pedagógico desenvolvido no cotidiano de sala de aula, os professores e equipe pedagógica puderam debater acerca das adversidades encontradas nas estratégias de implementação dos conhecimentos afro indígenas, bem como o atendimento aos requisitos exigidos pela legislação para inclusão da temática étnico racial no currículo da escola.

Nas ações desenvolvidas com os estudantes, como instrumentos de registro e coleta de dados, a investigação utilizou a observação participante e o levantamento de feedbacks pedagógicos gerados a partir do engajamento e das respostas dos estudantes na plataforma *Kahoot*, ferramenta que também atuou na mediação de uma competitividade saudável e no estímulo à atenção do público. No que concerne aos encontros docentes, o registro deu-se por meio do diálogo sistemático com a coordenação e o corpo docente das instituições parceiras. Em termos éticos e legais, a intervenção configurou-se como uma ação de extensão universitária formalmente autorizada pela gestão das escolas. Resguardando a integridade e o direito de imagem dos participantes em especial por se tratar de menores de idade, os registros fotográficos e videográficos foram realizados estrategicamente em ângulos laterais e traseiros, evitando o foco nos rostos e priorizando a captura das dinâmicas, dos recursos visuais e da atuação da equipe ministrante. Ademais, todos os sujeitos envolvidos e as direções escolares estavam cientes e consentiram com o uso estritamente acadêmico e institucional das imagens obtidas para fins de prestação de contas e divulgação científica das ações do projeto.

REFERENCIAL TEÓRICO

O debate sobre o letramento racial no cenário educacional brasileiro é indissociável da desconstrução de currículos eurocêntricos que, historicamente, silenciaram os saberes ancestrais. Fundamentado na perspectiva decolonial de Quijano (2005), compreende-se que a colonialidade do saber ainda opera nas instituições, exigindo uma postura de ruptura pedagógica. Nesse sentido, Schucman (2014) define o letramento racial como um conjunto de práticas voltadas à reeducação das relações

ISSN: 2358-8829

étnico-raciais, permitindo que os sujeitos "leiam" o racismo estrutural e fortaleçam sua identidade diante dele. Além disso, as ações articulam-se com as contribuições de Gomes (2017) acerca da diversidade como elemento emancipatório e força educativa no chão da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao adentrar o espaço escolar durante a implementação das atividades desse estudo de pesquisa-ação nos depararmos com a necessidade de trabalhar a transversalidade curricular da temática étnica racial, visto que, essa foi uma das demandas solicitadas por algumas escolas de ensino médio da região do lago de Tucuruí. Pois, embora que, tenham desenvolvido algumas iniciativas de inclusão da referida temática no contexto escolar, as escolas enfrentam inúmeros desafios e dificuldades para a efetividade dessa inclusão no currículo.

Para melhor análise e problematização das necessidades basilares de inclusão da temática étnico racial no currículo das escolas, este estudo optou por identificar cada estabelecimento de ensino com códigos linguísticos por meio da representação das seguintes letras: A e B. Já que foram 2 escolas que solicitaram auxílio para implementação da transversalidade curricular de conteúdos referentes à identidade étnica racial

Na escola A, primeira escola visitada, foi realizado um encontro com a equipe pedagógica que expôs algumas iniciativas de docentes em trabalhar conteúdos referentes à temática da identidade étnica racial, conforme sua área de atuação, de forma autônoma e desvinculada ao projeto político pedagógico. Já na escola B, seguindo o mesmo protocolo, em diálogo com a equipe pedagógica, foi evidenciado que o dilema referente a implementação da inclusão da temática étnico racial era mais crítico e complexo, pois o nível de alienação sobre a supracitada temática era bem mais alto, tendo maior resistência e até mesmo indiferença a conteúdos relacionados a discussão racial por parte de alguns professores.

Em termos gerais, a equipe pedagógica de ambas escolas, também mencionaram algumas atividades desempenhadas alusivas à consciência negra incluídas no projeto político pedagógico de forma isolada, isto é desmembrada das outras atividades curriculares e restrita a determinado período do calendário letivo.

ISSN: 2358-8829

Outro ponto ressaltado pelas escolas foi a falta de discernimento sobre o conceito da transversalidade e/ou interdisciplinaridade curricular, principalmente, no que tange, a conteúdos relacionados a referida temática por parte de professores.

Embora que, de forma difusa, alguns docentes sinalizam intencionalidade e disposição em trabalhar o conteúdo no cotidiano da sala de aula. O que lhes falta com urgência é uma formação docente imbricada no letramento racial articulado com conhecimentos acerca do planejamento pedagógico e organização curricular, a fim de, promover um ensino de natureza antirracista, inclusiva e, portanto, sistêmica. Pois, a reeducação racial é primordial para o reconhecimento identitário e enfretamento ao racismo estrutural, Schucman (2014) Desse modo, a inclusão da temática étnica racial por ser um conteúdo que define as relações sociais deve ser transversal em todos os núcleos e instâncias do conhecimento transmitido e produzido no espaço escolar. Rocha, (2014)

E para suscitar uma atuação consciente, critica e eficaz no uso de ferramentas teórica metodológicas, que possibilite o exercício de uma prática docente antirracista, não basta o conhecimento técnico, mas é primordial também que os docentes tenham o acesso ao conhecimento que foi historicamente lhes negado e apagado de suas memórias e trajetórias acadêmicas e de vida. Para que se possa compreender que o currículo escolar se encontra numa disputa acirrada de cosmovisões antagônicas, a do colonizado e do colonizador. (Mignolo, 2008). Uma vez que, a colonialidade do poder sempre foi manifestada não apenas pela organização do trabalho pedagógico, mas principalmente através da organização curricular escolar (Grosfoguel, 2009). Somente de posse desse entendimento, a inclusão racial será possível ocorrer de forma consciente, integrada e articulada em todos os aspectos da dinamicidade do contexto escolar.

Posto que, parte das dificuldades apresentadas pelas escolas deparam-se com a alienação e o desconhecimento dos profissionais da educação referentes aos saberes dos territórios afro-indígenas e de tudo que remete a identidade racial brasileira, já que foram submetidos a uma narrativa forjada numa perspectiva eurocêntrica. Neste sentido, Dussel (2013) ressalta que, a partir da revolução industrial a Europa tornou- se o centro da história mundial, e toda forma de existência e produção, especificamente da Ásia e África que antecederam o referido período histórico foi usurpada pelos europeus, assim

corporificando a eurocentricidade do mundo moderno tão difundida nos currículos escolares que suplanta povos, culturas e saberes.

Nesse sentido, a equipe pedagógica da escola B ressaltou que, já foram inúmeras tentativas de desenvolvimento dessa temática, inclusive mencionando que na escola, já havia um projeto que trabalhava a cultura afro-brasileira em diversas dimensões do conhecimento, principalmente, as dimensões históricas, artísticas, linguísticas e nas manifestações culinárias e religiosas ainda que de forma restrita a um período do calendário letivo e a determinadas áreas do conhecimento.

Todavia, encontraram barreiras de toda ordem: atitudinais, operacionais e pedagógicas para permanência do referido projeto que resultou em sua exclusão do planejamento curricular da escola. Tais barreiras desbocam-se no desconhecimento étnico racial que gera preconceitos, estereótipos, e racismo, nos quais culminam em uma manifestação de comportamento receoso e em alguns casos aversivo frente a possibilidade de desenvolver um trabalho acerca da referida temática em sala de aula. É preciso ressaltar que as escolas como sendo aparelhos ideológicos do estado, eram uma extensão das estruturas coloniais, sendo instrumento primordial para a disseminação das ideias do regime político colonial eurocêntrico. Dessa forma, historicamente, a escola foi ferramenta para o estabelecimento da barbárie na dizimação de povos e saberes através da sobreposição e de validação de conhecimentos e culturas através do currículo escolar (Quijano, 2005)

Assim, os resquícios da colonização ainda estão entranhados na dinâmica e no currículo das escolas brasileiras, visto que geralmente o conhecimento transitado neste espaço em suma são enviesados na cultura eurocêntrica e nos conhecimentos ocidentais, cujos conhecimentos são dados como verdades absolutas. Quijano, 2016.
Reverberando em rituais pedagógicos e em comportamentos dos agentes ativos da condução do trabalho pedagógico. Desse modo, o currículo escolar passar ser construído a partir da racionalidade colonizadora constituída por conhecimentos e saberes intrínsecos a qualidade do homem branco/civilizado/cristão/heterossexual que condiciona os outro subalternizados para sua imitação, isto é, não deixando os outros existir a não ser na imitação do eurocentrado (Silva, 2015, p. 50).

Apesar do alto fluxo de movimentação de professores para outras escolas e de troca de gestões, foi realizado um encontro com docentes e equipe pedagógica nas

ISSN: 2358-8829

respectivas escolas. Nesse encontro foi apresentada a proposta de pesquisa ação articuladas com as ações extensionistas do projeto Afroteca Arandu bem como orientações e estrutura da transversalidade e a interdisciplinaridade curricular da temática étnico racial, pontuando sugestões de conteúdo para se trabalhar a temática no cotidiano da sala de aula.

A escola A ao término do encontro manifestou-se interessada para implementar a transversalidade da temática em seu currículo, propondo-se a criar 5 eixos temáticos a partir de seu planejamento curricular e encaminhá-los a equipe do projeto, a fim de auxilia- lós na inserção e distribuição de conteúdos relacionados a temática racial no desenho curricular da escola. E já na escola B, foi pensado com a equipe pedagógica da escola encontros de letramento racial aos docentes. Nesta perspectiva, foi realizado o 1º encontro que apresentou as ações do projeto da afroteca arandu e como ação efetiva de orientações para o processo de transversalidade e interdisciplinaridade da temática no currículo da escola. Os demais encontros de letramento racial ficaram para serem posteriormente agendados pela escola.

Apesar dos entraves oriundos do longo processo de colonização em que os espaços escolares foram submetidos, às escolas é um espaço potencial para o desenvolvimento de um processo educacional contra hegemônico e decolonial , seja devido ao avanço de legislações educacionais antirracistas e de inclusão ou pelo o acesso a formações críticas e emancipatórias que alguns profissionais da educação perpassa na sua trajetória acadêmica, que diretamente impactam o pensar do fazer pedagógico no cotidiano da sala de aula.

CONCLUSÃO

A inclusão transversal e interdisciplinar da discussão sobre identidade étnico-racial não representa apenas uma reparação histórica, mas sobretudo a necessidade de transgredir a hegemonia do currículo colonial historicamente imposto no ensino brasileiro, tendo em vista a ruptura de matrizes tradicionais de aprendizagem.

Considerando que a sociedade ainda está imersa em um contexto sociopolítico de exploração de recursos, expropriação de territórios e dizimação de povos marcas das

velhas práticas colonizadoras, conclui-se que esse modelo ainda persiste arraigado nas estruturas e nos valores brasileiros, assumindo posturas mais sofisticadas e eficientes.

Para tanto, o debate racial no currículo escolar configura-se como estratégia efetiva contra o engessamento da educação pública, que ainda segue presente no imaginário dos sujeitos escolares e na organização dos espaços acadêmicos.
Neste sentido, ambas as escolas manifestaram uma postura acolhedora e solicitaram a proposição de ações que contribuam para a conscientização racial e para o estabelecimento de uma práxis antirracista e socialmente comprometida. Portanto, a escola se confirma como um espaço de disputa indispensável para avançar rumo a uma educação sistêmica, inclusiva e descolonizada. Já que nela concentra-se a diversidade que é a força emancipatória e elemento primordial do ato educativo. (Gomes, 2017)

A partir das ações desenvolvidas no projeto, evidenciou-se que a intervenção pedagógica direta produz efeitos imediatos e transformadores. Junto aos estudantes, a utilização de metodologias ativas e dialogadas proporcionou não apenas o letramento conceitual sobre raça e etnia, mas também o fortalecimento da autoestima e o conhecimento de saberes afros e indígenas. No âmbito docente, as ações revelaram que a principal barreira para a efetivação das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 não é a ausência de interesse, mas a escassez de processos continuados de formação voltados ao planejamento curricular antirracista.

Os desafios observados na pesquisa como a rotatividade dos professores, a resistência em mudar práticas tradicionais e o costume de tratar a questão racial apenas em datas comemorativas mostram que a transformação do currículo é um processo gradual, e não imediato. Trata-se de um processo contínuo de disputa e reconstrução de costumes pedagógicos. Nesse cenário, o recorte territorial no Lago de Tucuruí reafirma a urgência de propostas que valorizem as trajetórias e saberes dos povos negros, indígenas e tradicionais da Amazônia no ambiente escolar.

Por fim, este estudo sinaliza que a universidade pública, por meio da articulação entre extensão e pesquisa-ação, cumpre um papel indispensável como ponte emancipatória entre a produção acadêmica e a comunidade escolar. Recomenda-se, para investigações e ações futuras, a ampliação de programas permanentes de formação continuada em letramento racial para professores da rede básica, bem como o

acompanhamento a longo prazo da reestruturação dos Projetos Político-Pedagógicos (PPPs) das escolas parceiras, garantindo que a práxis antirracista se consolide como um eixo estruturante e permanente da educação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O letramento racial não se reduz a um cumprimento burocrático de diretrizes educacionais, mas se constitui no chão da escola. A experiência desenvolvida pelo projeto Afroteca Arandu demonstrou a força da extensão universitária e da pesquisa-ação como instrumentos capazes de tensionar as fronteiras de um currículo historicamente colonial, promovendo frestas de emancipação e acolhimento para a diversidade étnico-racial na região do Lago de Tucuruí-PA.

A escuta atenta dos estudantes e o diálogo com os docentes das escolas parceiras evidenciaram que, embora as marcas da colonialidade do saber ainda operem na organização do trabalho pedagógico, há um terreno fértil para a transformação. A autoidentificação fortalecida dos discentes e a abertura dos professores para a revisão de suas práticas indicam que a construção de uma pedagogia antirracista é viável quando acompanhada de suporte metodológico e intencionalidade formativa.

Em suma, tensionar o currículo escolar exige percorrê-lo de forma contínua, coletiva e interdisciplinar. Espera-se que as reflexões e caminhos sinalizados por este trabalho inspirem novas redes de colaboração entre a universidade e a educação básica, garantindo que a valorização das histórias, memórias e saberes afro-brasileiros e indígenas seja uma prática diária, transversal e inegociável na formação dos alunos.

Palavras-chave: Letramento Racial; Identidade étnico racial, Transversalidade Curricular; Extensão Universitária; Afroteca Arandu.

REFERÊNCIAS

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação**: crítica à ideologia da exclusão. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.). **Epistemologias do Sul**, Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 383-417.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo:** branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. (Original: Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom, 1994).

MIGNOLO, Walter. **A ideia de América Latina: a herança colonial e as disputas epistemológicas**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MIR – Ministério da Igualdade Racial. Parceria entre MIR e UFOPA inaugura Afroteca em Santarém. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/igualdaderacial/pt-br/assuntos/copy2_of_noticias/parceria-entre-mir-e-ufopa-inaugura-afroteca-em-santarem. Acesso em: 10 de junho de 2025.

MUNANGA, Kabengele et al. (Orgs.). **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 143-154.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

ROCHA, Roseli da Fonseca. **A incorporação da temática étnico-racial no processo de formação em serviço social**: avanços e desafios. 2014. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014a.

SILVA, Janssen Felipe da. Sentidos da avaliação da educação e no ensino e no currículo na educação básica através dos estudos pós-coloniais latino-americanos. **Espaço do Currículo**, v. 8, n. 1, jan./abr. 2015, p. 49-64.